

**Carta de Apoio à Candidatura
c.e.m. – centro em movimento
A quem possa interessar**

O fazer cultural e artístico tem uma complexidade única que se expressa no cruzamento de diversas qualidades e práticas singulares. Entre estas, as práticas da convivência e da partilha de saberes, que se fazem em transversalidade e coletivamente. Estas noções, tão quotidianas para quem as pratica, são às vezes de difícil leitura para quem as observa ‘de fora’. Como se manifestam os frutos desse fazer? É muito mais fácil detectar a ‘produtividade’ cultural por meio de obras e quantidades de pessoas presentes em um espetáculo, ou o número de alunos em sala de aula, do que compreender e capturar estatisticamente os resultados de um fazer contínuo e consequente de ações, práticas e reflexões constantes nascidas a partir do corpo e do movimento *que se faz corpo*, como se gosta de dizer no c.e.m. Estes efeitos se desdobram no tempo e nas relações que pessoas travam com outras pessoas, assim como com outros animais, plantas, enfim, entre os viventes. Estamos tratando de uma ‘lógica da abundância’ e não de uma ‘lógica da escassez’, como quando se discute o tema das verbas e subvenções, por exemplo.

O c.e.m. é um lugar de irradiação cultural e artística que multiplica para muito além das fronteiras geográficas de Portugal ou da Europa fazeres que mobilizam o corpo e o pensar-corpo em múltiplas direções. Um dos lugares mais criativos que conheço, o c.e.m. pratica o que diz e pensa. Não é por outra razão que tanta gente já tenha passado por lá ou esteja vinculada às ações e práticas que se desenvolvem a partir de sua irradiação e influência.

Tive o prazer de estar lá em residência no ano de 2017, graças a uma bolsa artística da Fundação Nacional das Artes – FUNARTE, vinculada ao extinto Ministério da Cultura do Brasil, e até hoje as trocas e aprendizados realizados ali (e na cidade de Lisboa como um todo, já que o trabalho do c.e.m. tem forte presença nas ruas, comunidades e jardins da cidade) reverberam em meu trabalho e no de outros artistas brasileiros e de várias nacionalidades. Pude também participar como artista/expectador no Festival Pedras daquele ano, e além de tomar parte em todas as atividades do festival (que é uma expressão de participação coletiva por excelência) promovi a criação coletiva ‘Cozinha Parangolé Lisboa’ como parte da programação, para a qual tive toda a assistência e apoio do c.e.m.

Durante o período mais crítico da pandemia, estive presente em várias das *lives* e tive acesso ao pensamento de filósofos, pensadores, artistas, entre outros, através dos ‘transpensares’ que naquele momento se multiplicavam por várias latitudes e hoje se tornaram uma atividade semanal contínua promovida pelo c.e.m. tanto presencial quanto remotamente, online. Também assim pude assistir e participar das palestras de pessoas do quilate de Christine Greiner, Helena Katz, Franco Berardo Bifo, Steve Paxton, entre outros.

De volta a Lisboa nesta primavera, volto a me encontrar e a recomendar o apoio a esta estrutura que compõe minha relação com a cidade. Refletindo sobre os tristes acontecimentos que têm tomado lugar no meu país de origem, o Brasil, e em como o autoritarismo se expressa na repressão e impedimento dos fazeres da cultura, da arte e da educação, penso em como devemos ser enfáticos na defesa do apoio às artes e àqueles que fazem esse trabalho às vezes invisível de lidar com o sensível, articular o pensamento pelos saberes do corpo e promover a mediação entre a cidadania e os indivíduos que dela participam.

O apoio da DGArtes à estrutura c.e.m. não é apenas importante, é mesmo fundamental para garantir a manutenção de uma atividade múltipla, contínua, criativa, inteligente e sanadora, que se soma a outras produzidas na sociedade portuguesa, e que faz enorme diferença na vida do país. Não desejo a Portugal que tome consciência disso como nós, no Brasil, a partir do momento em que lhes possa faltar.

Lisboa, 10 de Junho de 2022



Marcos Lima de Moraes – artista e gestor cultural

*Artista do Corpo, Marcos Moraes trabalha como artista, docente, gestor e produtor cultural. Criou e dirige, desde 2013, *A Cozinha Performática, Plataforma Colaborativa de Pesquisa e Criação Artística*, um modo indisciplinar de fazer artístico colaborativo e experimental. É formado em Dança e em *Técnicas Psico-corporais Para o Desenvolvimento Harmônico* pelo Espacio de Desarrollo Armónico – Rio Abierto de Montevideu. É graduado em Letras – Inglês pela FFLCH-USP e também traduz livros e textos. Tem longa experiência docente.

Foi consultor de alguns dos principais festivais de dança contemporânea do Brasil. Teve forte presença na militância por políticas públicas de cultura. Foi coordenador nacional de dança da Funarte (extinto MinC) (2004/2006); Produtor Sênior das cerimônias de abertura e encerramento dos XV Jogos Pan Americanos Rio2007 e Produtor Associado da Candidatura Olímpica Rio2016. Está em Lisboa e segue em transformação. www.acozinhaperformatica.com